

TRABALHADORES SURPREENDENTES: UM DIÁLOGO SOBRE A ATIVIDADE¹

Lais Di Bella Castro Rabelo
Nathalie Akoka

1. Introdução

“Trabalhadores surpreendentes, uma viagem ao coração da atividade”² é, atualmente, um encontro anual, que corre em Paris durante um dia e meio e que reúne cerca de cinquenta pessoas diferentes que tentam acessar coletivamente a atividade humana encontrada nos momentos da vida e, especialmente, no trabalho, de uma maneira simples, viva e sem discurso teórico. Trata-se de se aproximar aos singulares debates interiores que atravessam aqueles que vão falar de si por meio de alguns detalhes da sua atividade; e também de verificar como essa fala vai fazer eco naqueles que a escutam nos momentos de trocas e debates que se darão em seguida.

Durante a última edição, nós mergulhamos no universo de cerca de quinze pessoas “cinco-minutistas”: termo criado para nomear aqueles que contam um momento que os surpreendeu, que os provocou questionamentos, mobilizações ou entusiasmo e que desejaram compartilhar. Uma profissional cuidadora de deficientes nos surpreendeu, por exemplo, com sua capacidade de antecipar, ao observar o olhar, as necessidades da pessoa com que ela trabalhava. Ela nos explicou como consegue colocar seu cérebro em *standby* e ao

¹ Uma versão em francês desse texto foi apresentada no 4º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia, ocorrido de 27 a 29 de agosto de 2018, em Brasília.

² Tradução nossa. Nome original: *Étonnants Travailleurs, voyage au cœur de l'Activité*. Link do vídeo para compreender um pouco mais como se passa o evento, com legenda em português do Brasil: <https://vimeo.com/283747412>

mesmo tempo suas mãos à disposição do trabalho. Além disso, ela também descreve como resistiu para não estabelecer uma relação demasiada próxima com o sujeito e se questionar sobre os limites éticos da sua atividade. Um produtor de vinhos nos mostrou seus gestos para a poda das vinhas em função da circulação da seiva que ele visualiza no momento da sua ação e que ele projeta para os anos seguintes. Assim, ele evocou suas dúvidas e suas escolhas e também as escolhas da vinha, personificadas na sua história. Um socorrista de emergência gerou emoção na sala ao contar sobre a transferência ao hospital de uma senhora que se recusava a deixar sua casa. Ele notadamente colocou em palavras as contradições que vive algumas vezes na sua profissão: ser trabalhador do sistema de saúde com gestos técnicos, mas também humanos.

A iniciativa de Trabalhadores Surpreendentes (TS) se constituiu em Paris em 2015 em torno de um “grupo de fabricação” formado por cerca de doze pessoas de horizontes variados, não necessariamente profissionais que trabalham com a questão da atividade, mas que tinham em comum o desejo de falar dela de uma outra maneira: sem discurso ou perícia técnica, mas sim através da fala direta das pessoas envolvidas e a partir de pequenas sequências de suas atividades, que elas mesmas vão escolher. Este “grupo de fabricação” foi parcialmente renovado nos outros dois encontros que aconteceram em 2016 e em 2017 em Paris que fizeram, cada um a seu modo, uma evolução nessa experimentação.

Esse testemunho coloca em tela e em diálogo a troca que ocorreu entre uma participante brasileira da última edição (Laís) com uma francesa membro do “grupo de fabricação” (Nathalie), se apoiando nas respectivas experiências. O que interessou e/ou surpreendeu a primeira, ressoa com as reflexões do grupo através da ponte que se estabelece pela segunda. À espera de uma quarta edição em Paris e de uma primeira edição planejada no Brasil, essa troca acompanha as perspectivas dessa iniciativa.

Primeiramente vamos nos aproximar das questões sobre as experiências: aquelas que cada participante de TS traz consigo e aquelas que eles vivem juntos durante o encontro de um dia e meio. Depois abordaremos a atividade: a dificuldade de acede-la ou de entrega-la para os participantes, mas também a atividade do “grupo de

fabricação” para facilitar esse acesso. Através deste diálogo espelhado, nós refletimos sobre as especificidades de TS, suas conexões e contribuições à perspectiva ergológica.

2. A experiência como âncora

2.1. Sobre a experiência da participante (Láís)

A partir da minha experiência como participante da 3ª edição de TS, a primeira característica que me chamou atenção e atraiu minha curiosidade é que se trata de um grupo de pessoas reunidas em torno da atividade. Os participantes não são, necessariamente, especialistas em análise do trabalho, mas são todos, em alguma dimensão, trabalhadores. Eu percebi que o grupo se forma pelo interesse comum no trabalho e as contribuições de cada um são ricas exatamente porque partem de diferentes experiências. Ao escutar a exposição dos “cinco minutistas”, ficou claro para mim que não há necessidade de uma formação especializada para se falar da atividade, porque a experiência é que está em questão.

Eu me coloco as seguintes questões para pensar essa vivência: Por que nos interessamos pelo trabalho? Por que as pessoas se engajam a discutir voluntariamente a atividade dos outros e a sua própria? Como especialistas e não especialistas estão aptos a fazer uma viagem ao coração da atividade juntos?

Para avançar nessa reflexão recorro ao meu referencial teórico. Como pesquisadora, estudiosa e psicóloga do trabalho, lanço mão dos autores que acompanham minha leitura no mundo do trabalho, em uma tentativa de compreender melhor o que é TS. Importante ressaltar que outras experiências e outras formações podem produzir elaborações completamente diferentes. Dessa forma, trata-se aqui de um exercício reflexivo particular que se ancora na minha história de vida e minhas escolhas teóricas específicas (Gaulejac et al, 2008).

Retomo então o fato de que o trabalho é decisivo para o processo de humanização. Ele representa o salto ontológico que produz a sociabilidade humana (Lukács, 1980). A atividade humana é a única que tem um caráter social, pois diferente dos animais que

exercem sua atividade vital respondendo uma demanda unicamente biológica, o trabalho humano tem um caráter de cooperação entre indivíduos (Leontiev, 2004). Nesse sentido, o trabalho é o processo que liga o homem à natureza, mas que também o conecta a si mesmo e aos outros. Ao imprimir utilidade à vida humana na natureza, através da objetificação da sua subjetividade, o homem transforma a natureza e transforma, também, a si mesmo, produzindo sua sociabilidade (Lukács, 1980; Marx, 2008).

O trabalho como constituinte do ser social (Lukács, 1980; Luria, 1991) afirma sua centralidade na vida humana e é esse elo fundamental que possibilita encontros como TS, pois a atividade de trabalho é sempre expressão de alguma relação social (Trinquet, 2010), visto que sua finalidade é exterior ao homem tomado enquanto indivíduo isolado (Schwartz & Durrive, 2010).

Partindo então do pressuposto que a atividade é efetivamente a forma humana da vida (Schwartz & Durrive, 2008), é justamente por sermos humanos e, logo, trabalhadores, que estamos aptos a refletir sobre a atividade. Assim, enquanto humanos, todos somos, em alguma dimensão, especialistas em trabalho, sobretudo quando nos comparamos às outras espécies não humanas. Ainda que não nos enquadremos em um *métier* específico de estudos sobre trabalho, nossa experiência como seres da atividade nos permite colocá-la como objeto de reflexão.

A experiência considerada como da gênese do saber (Schwartz, 2010) é uma base sólida para pensar a atividade. Em TS a diversidade de experiências formada pelo público composto por pessoas tão diferentes coloca todos juntos numa viagem ao coração da atividade. Como as experiências são múltiplas e têm origens tão diversas, TS não pode ser enquadrado em uma disciplina, especialmente porque o próprio trabalho precisa ser sempre entendido em uma perspectiva multidisciplinar, pois se trata de um construto psicológico multidimensional e dinâmico (Tolfo & Piccinini, 2007).

Parece-me que em TS estamos interessados mais no encontro que o trabalho nos proporciona do que nos conceitos que as teorias nos podem trazer. Trata-se de colocar as experiências para circular. Ao verbalizar uma parte de uma atividade, em cinco minutos, espera-se

gerar um encontro entre o que foi vivido por uma pessoa e o que isso provoca nas outras que as ouvem. A partir das experiências, o saber-fazer vai ser colocado em diálogo e gerar debates.

Nesse diálogo, os saberes formais sobre o trabalho também são bem-vindos, mas especialmente os saberes informais serão convocados. Para compreender o trabalho, os saberes disciplinares são muitas vezes necessários, mas é com aqueles que trabalham que será possível validar o que se pode dizer da situação que vivem (Schwartz & Durrive, 2010). Como seres humanos sociais e que trabalham todos temos um saber investido na atividade. Os saberes investidos são aqueles que produzimos em aderência com a realidade singular que cada um vive em sua atividade (Schwartz & Durrive, 2010). Em TS esses são os saberes que mais nos interessam, os saberes adquiridos na experiência de trabalho que todos carregamos (Trinquet, 2010). Enfim, é o trabalho que nos une e nos torna aptos nesse esforço de falar, compreender, questionar e aprender com a atividade do outro.

2.2. Sobre a experiência do encontro (Nathalie)

Uma questão frequentemente compartilhada no “grupo de fabricação” é que as dimensões da experiência e do real são constantemente valorizadas de um ponto de vista conceitual, mas são raramente colocadas como prioridade nas proposições dos diversos encontros acadêmicos ou sindicais (para não mencionar outros). Encontramos efetivamente numerosas referências que nos convencem de forma enfática a importância priorizar essas dimensões, mas a transformação dessa prioridade em ação poucas vezes tem o seu lugar.

Um dos participantes afirmou que depois que ele conheceu TS, ele se entedia facilmente nas conferências e colóquios que ele frequenta! Esses eventos, na verdade, convocam muito pouco a experiência para além de discursos e também quase nunca convocam as pessoas diretamente envolvidas nos debates em questão. Temos que admitir que nos tornamos ainda mais desconfortáveis com a ausência da experiência depois que tentamos abordá-la de outra forma e, sobretudo, depois que pudemos experimentar toda a riqueza de uma palavra concreta, sem interpretação intermediária ou teórica.

Como não é necessário ser um profissional do ramo para usar as lentes da atividade, os participantes de TS, em particular os “cinco-

minutistas”, vêm de diferentes lugares e diversos meios profissionais. Os especialistas do trabalho são participantes como os outros e nenhuma palavra é considerada mais importante. Dessa forma, TS almeja criar formas (Castejon, 2016) de acolher a experiência e tornar visível a atividade humana que muitas vezes está ali escondida. Para não cair na contradição que já evocamos, faz-se necessária uma atenção rigorosa para que o encontro não se torne uma questão de expertise, mas sim de experiência compartilhada e inclusiva. Um participante da última edição testemunhou esse esforço através *feedback* que nos enviou:

“Esses dois dias de encontros criativos, instigantes e sobretudo de uma forte simplicidade me entusiasmaram (...). Enquanto a análise da atividade corre o risco de se fechar no meio acadêmico, aqui há um movimento que nos remete a um encontro democrático na cidade”³.

Os termos “encontro”, “evento” ou até mesmo “acontecimento” são utilizados vez ou outra para tentar descrever o que se propõe a traduzir sobre a dimensão viva e encarnada que se configura ET. O encontro físico, durante um dia e meio, em uma atmosfera calorosa permite embarcar em uma aventura coletiva única e oferece condições de uma escuta atenta e de uma participação autêntica.

Na sua obra *Ce que sait la main*, o sociólogo Richard Sennet evoca diferentes compreensões do termo experiência em função dos idiomas. Essa palavra que é única em português, em francês e em inglês, tem dois termos em alemão: *Erlebnis* e *Erfahrung*: “o primeiro refere-se a um evento ou a uma relação que deixa uma marca emocional; já o segundo, refere-se à um evento, ação ou relacionamento que exterioriza e demanda mais competência que sensibilidade” (Richard Sennett, 2010, p. 386, tradução nossa).

Para o pensamento pragmático (no qual Sennett se reconhece) é importante não separar artificialmente as duas concepções, considerando-as como um todo, contudo ele ressalta que a distinção é útil para não se perder a dimensão da sensibilidade vivida que carrega a palavra experiência.

³ Todas as falas dos participantes mencionadas ao longo do texto foram proferidas em francês e traduzidas por nós para o português.

Nós poderíamos então dizer que TS é uma iniciativa que possibilita visibilidade à experiência singular vivida pelos participantes em um quadro que o próprio evento é uma experiência singular a viver e compartilhar. Mas é também com a expressão “seminário de pesquisa” que TS é frequentemente introduzido. E de fato não há outro objetivo senão aquele de pesquisar coletivamente como acessar a atividade, sem obrigação de resultados, sem o desejo de produzir uma análise a posteriori ou transformar uma profissão ou um meio de trabalho em particular.

Contrariamente às disciplinas de análise da atividade, TS não se enquadra em uma metodologia estanque. Ele se trata sobretudo de experimentar e fazer evoluir as possibilidades que permitem uma aproximação com a atividade. Apenas dois elementos permanecem inalterados desde 2015: o compromisso de todos de participar durante um dia e meio (sendo que as pausas para as refeições juntos estão incluídas); bem como as falas de cinco minutos seguidas dos debates com demais participantes.

Entretanto, não ter um objetivo rígido e nem uma metodologia ou ancoragem disciplinar bem definidas, obriga o grupo a ser vigilante na manutenção de um equilíbrio entre a tentação de "formatar" o evento e reinventá-lo constantemente. Assim, os locais de encontro, as modalidades de discussão em grupos ou subgrupos, ou ainda o número de “cinco-minutistas” foram objeto de muitas discussões e experimentações a cada nova edição. A forma prática de construir o evento, o acesso ao íntimo, o ritmo, o tempo necessário para a elaboração, o número de participantes adequados, e ainda a interação entre os participantes - incluindo as pessoas mais reservadas - são todos elementos que foram questionados.

Há um desejo genuíno de tornar a iniciativa o mais flexível possível, de modo que ela não seja rapidamente fixada em uma metodologia e que ela possa evoluir de uma maneira que seja fácil de ser organizada. Depois que várias possibilidades foram testadas, nas edições anteriores, e que o grupo está sendo solicitado em novos lugares e projetos, surge a necessidade de analisar essa experiência, para compreender o estado da reflexão e produzir traços coletivos que possam manter a sua fluidez.

3. A atividade em foco

3.1. Sobre a dificuldade de acesso à atividade (Laís)

A experiência de fala nos cinco minutos de TS, me trouxe, pessoalmente -a mim Laís- uma sensação de estar num lugar vulnerável. Falar da atividade em público, é de certa forma expor o “Calcanhar de Aquiles”, pois vamos colocar em evidência algo que é muito precioso aos seres humanos, como já falei anteriormente. Nesse sentido, enquanto participante tive um certo desconforto de expor minha atividade ao público, especialmente no lugar de estrangeira no qual eu me encontrava ali. O próprio idioma – o francês- já me trazia dificuldades suficientes. Contudo, percebo que é justamente quando nos abrimos à uma certa vulnerabilidade é que podemos também receber intervenções importantes, como me mostra minha experiência de psicóloga. Ou seja, foi ao expor o íntimo da minha atividade como pesquisadora, com todas as minhas contradições e dificuldades, que pude receber do público presente intervenções valiosas que puderam me fazer repensar minha própria atividade.

Durante meus cinco minutos, eu falei de uma cena específica que ocorreu na minha pesquisa de doutorado. Eu estudo os impactos psicossociais dos acidentes mutilantes sofridos por trabalhadores terceirizados no setor elétrico em Minas Gerais, Brasil. Certa vez, durante uma entrevista com um trabalhador, fui surpreendida quando ele narrou que um dos seus grandes sofrimentos, decorrentes do acidente do trabalho, era não poder comer a fruta kiwi. Em decorrência do choque elétrico de alta voltagem, esse trabalhador teve um dos seus braços amputados e perdeu temporariamente o movimento de duas pernas. Mas para além disso, ele sofreu uma queimadura no rosto que gerou uma fístula salivar devido a um pequeno orifício na região jugal. Dessa forma, ele não conseguia controlar sua salivação e por isso não podia comer alimentos cítricos tal qual sua fruta preferida, o kiwi.

Na discussão que ocorreu em seguida à minha exposição de cinco minutos, um participante contou uma história similar de uma mulher gravemente ferida que quando foi socorrida e retirada de sua casa, repetia sem parar “esqueci-me da minha escova para pentear os

cabelos” e também houve um outro participante que apontou que o sofrimento é frequentemente incorporado nos pequenos detalhes. Eu nunca havia compartilhado essa cena da minha pesquisa antes e naquele dia, a partir do diálogo promovido por TS comecei a pensar em algumas questões como: Existe uma metodologia que faça a pesquisa passar pelo essencial? Ou é uma questão de postura da pesquisadora? O essencial estará sempre nas pequenas coisas, nos pequenos detalhes?

Essas questões coincidem com perguntas que podemos fazer também para TS. A ausência de uma metodologia extremamente prescritiva, mas sim uma postura aberta, pode ajudar a revelar a complexidade da atividade? Na entrevista que eu fiz com o trabalhador na minha pesquisa, eu esperava ouvir sobre as dificuldades acerca dos prejuízos severos em seus três membros, mas o que eu ouvi foi o anseio por uma fruta. É bem provável que se eu estivesse fazendo uma pesquisa com um questionário de perguntas fechadas, e não uma entrevista aberta e em profundidade como eu fiz, eu nunca tocasse na questão do kiwi que me parece essencial nessa história de vida.

Se por um lado as metodologias abertas nos trazem a possibilidade de tocar no essencial, por outro é preciso destacar que elas também podem trazer como consequência não sair da superfície. Ao escutar as outras pessoas que falaram durante 5 minutos, reparei que houve diversos participantes que resistiram falar da sua atividade, optando por apresentações genéricas e bem enquadradas sobre o seu trabalho. Ou seja, falas que estavam mais relacionadas à uma prescrição do que com o real vivido. Na prescrição não cabem as surpresas. O inédito está na própria atividade. Vou recorrer mais uma vez a meu quadro teórico para pensar sobre essa questão, aqui especialmente convoco a Ergologia.

A experiência de falar da própria atividade diante de um público interessando em compreendê-la é algo mais complexo do que pode parecer a princípio. Atividade é um termo complexo de precisar (Schwartz, 2007) inclusive porque ela é difícil de ser colocada em palavras. É muito frequente que as pessoas respondam à demanda de falar da sua atividade apenas descrevendo seu trabalho prescrito, ou ainda, afirmando que não há nada a dizer sobre sua atividade visto que ela é muito simples. Contudo, quando se compreende a complexidade

da atividade, percebe-se que na verdade é extremamente difícil verbalizá-la (Schwartz e Durrive, 2010). Há uma espécie de limite da linguagem para expressar a criatividade, o fazer, os valores, os saberes a relação com o corpo e com os outros que estão incluídos na atividade (Schwartz e Durrive, 2010).

Para Canguilhem (citado por Schwartz, 2007) a atividade indica a própria vida, ou seja, a luta permanente contra a inércia e a indiferença. Na perspectiva ergológica, compreendemos que a atividade está na gestão do espaço entre o real e o prescrito, quando o sujeito fará suas escolhas, sustentadas por seus valores e exercendo sua subjetividade. Assim, através da atividade o sujeito vai expressar sua personalidade, sua individualidade, sua história sempre singular (Trinquet, 2010; Schwartz e Durrive, 2010).

Nesse sentido, a atividade é a própria subjetividade em ato (Schwartz, 2005). Ela nunca será exatamente o que foi prescrito, a atividade é sempre uma renormalização (Schwartz e Durrive, 2010). Para renormalizar é preciso transgredir, a atividade nos coloca sempre em uma relação delicada com as regras de forma que temos que correr determinados riscos fazendo uso da nossa subjetividade (Jobert, 2014). Por isso, a atividade é, sempre em alguma dimensão, uma concretização de um uso de si, é escolher a quais riscos se expor e quais responsabilidades assumir (Rabelo, Barros & Cunha, 2014).

Apesar de ser difícil falar de algo tão complexo e íntimo, a linguagem pode ser um caminho profícuo de elaboração da atividade. Como nos propôs Vygotsky (2001), linguagem e pensamento coexistem numa cumplicidade indissolúvel na qual a primeira dá forma e objetiva a existência do segundo. Através das palavras ditas sobre minha atividade pude fazer o público interagir e intervir na reflexão que eu mesma faço do meu agir no mundo.

3.2. Dos caminhos para a atividade (Nathalie)

Como já mencionamos anteriormente, um dos pontos de atenção do "grupo de fabricação" é criar as condições, organizar formas de um espaço-tempo favorável ao encontro. A atividade viva e singular é realmente difícil de capturar, de forma que o grupo regularmente reflete sobre as orientações que devem ser propostas aos

futuros “cinco-minutistas” para que eles vão além da simples descrição do seu trabalho.

Não há, repetimos, uma metodologia específica, mas sim uma dinâmica que se constrói. Entre as trocas que se desenvolvem durante as reuniões de preparação, as discussões com os “cinco-minutistas” e as referências específicas de cada membro, possibilita-se um processo interativo, uma pesquisa que cada um conduz à sua maneira. Essa postura aberta não é algo fácil, mas leva os membros do “grupo de fabricação” a, propriamente, “fabricar” ou, ainda, realizar uma bricolagem no sentido que podemos compreender a partir de Lévi Strauss - ou seja, criar com os meios disponíveis, a partir do concreto da situação e suas evoluções. Ao contrário do especialista, o *le bricoleur* vai além do conceito para agir (Levi Strauss, 1962).

Podemos, contudo, observar três noções que são recorrentemente presentes (e também interconectadas) na explicação e na compreensão das expectativas sobre TS: “o micro”, “o íntimo” e “o concreto”. Em TS, não faltam imagens para acessar o “micro” (mesmo o muito pequeno): falamos de “grãos”, “gramas” ou “pedacinhos” da atividade. Às vezes, é até mesmo uma questão de fazer um trabalho minucioso, usar uma lupa, para visualizar uma imagem de um curto momento da atividade que os “cinco minutistas” compartilham. Recebemos alguns retornos dos participantes sobre esse aspecto:

“Quanto menor é o grão da atividade, mais a gente se desloca e podemos compartilhar o essencial. Eu diria até mesmo que, quanto menor for mais se tornará o “cristal” portador das riquezas a descobrir. (...)

Foi uma bela aprendizagem, perceber que podemos compreender melhor a atividade através de anedotas do que a partir de todas as filosofias ou sociologias. (...)”

No que se refere ao “íntimo”, é um aspecto que particularmente mobilizou as trocas do “grupo de fabricação” e orientou a organização da última edição de TS. De fato, ele foi importante para chegar ao “coração da atividade”, para guiar o caminho dos “cinco-minutistas”, tentando destacar o singular, o sensível, as emoções e o comprometimento do corpo... em suma, sua

humanidade. Em outro *feedback*, um participante expressa-o à sua maneira:

“Eu estava particularmente mobilizado durante este dia e meio. Os cinco-minutistas falam da humanidade, e isso se torna poesia, sem que seja muito claro o porquê (...). De qualquer maneira, tendo o humano, o vivido, como ponto de partida e ponto focal, aqui está uma revolução necessária no mundo da pesquisa.”

Finalmente, passando ao aspecto do "concreto"; o corpo, a materialidade é igualmente importante. Durante um outro momento de *feedback*, um participante fez a seguinte observação: "Estar na atividade permite ter os pés no chão, em suma, em Trabalhadores Surpreendentes a viagem é em direção ao pouso, ao solo!". Outros observam a importância de dizer coisas "mais carnis, corpóreas, consistentes" e "passar pelos gestos" ou à expressão dos movimentos do corpo para acessar ou fazer sentir a atividade.

Na edição de 2016 notei algumas frases de cinco-minutistas particularmente expressivas: “Eu sinto meus dedos dos pés se dobrarem dentro das minhas meias” conta um formador de adultos para expressar sua apreensão (invisível) diante de um novo grupo; “Tudo isso, eu sinto através dos meus ouvidos” diz um artesão amador que se conecta com suas ferramentas e suas ações pelos sons que emitem. "A minha mandíbula trava" expressa uma assistente de educação chocada por uma injustiça, mas que deve ficar em silêncio na frente de sua direção.

Assim, os cinco-minutistas são convidados a compartilhar alguns gramas da atividade, um momento ou um evento circunscrito que lhes pareça importante, ao qual sejam sensíveis, que os coloquem em dificuldade, que os escape, surpreenda, mova, mobilize ou que os coloque em debate... Mas a instrução proposta não é diretiva. Cabe aos cinco-minutistas que se expõem escolherem o que querem falar e de que maneira. Os membros do grupo de fabricação tentam não projetar sua maneira de ver as coisas, convencidos de que é aquele que expõe quem conhece seu terreno, seus limites e quem carrega a inteligência da situação que ele conta.

Conforme observado anteriormente, essa abordagem aberta facilita, mas às vezes também impede o acesso à atividade. Contudo, ela oferece oportunidade aos “cinco-minutistas” que não desejam

resistir a essa viagem. Além disso, essa possibilidade de observação da resistência à atividade é igualmente interessante e informativa. Se por um lado, uma metodologia bem elaborada poderia tornar possível o acesso à a atividade de qualquer maneira, o não-acesso, paradoxalmente, numa metodologia não enquadrada, lhe confere também alguma visibilidade. Ela existe através da sua ausência. Pode-se assim - quando alguém está participando e ouvindo os “cinco-minutistas” - sentir essa resistência e perceber que alguns traços da atividade não estão sendo expostos.

As perguntas dos participantes, que seguem os cinco minutos de fala, muitas vezes servem de apoio no caminho à atividade. Aqueles que manifestam como as falas ecoam na sua própria experiência, como elas os tocam e mesmo quando apontam o que não entenderam, vão ajudar a capturar a atividade que muitas vezes se encontra num enigma invisível, como se compusessem uma rede de pesca (como, por exemplo, no caso do kiwi). Elas nem sempre serão bem-sucedidas, mas em TS há também um espaço para a existência dessa pesquisa errante.

Ao longo do encontro em TS, as conexões entre as histórias são tecidas. A intervenção do produtor de vinhos sobre a noção de circulação de seiva, por exemplo, "irrigou" várias outras falas: "o riso também é uma seiva", diz um professor-pesquisador que conta uma experiência teatral; "a circulação de energia do dia para a noite" afirma um praticante de *Qi Gong* (exercício corporal chinês) sobre uma noite de insônia... Nas discussões em subgrupos, que ocorrem após as exposições dos cinco-minutistas, um participante interveio dizendo que acessar a atividade não se trata de partir do singular para o geral, mas sim "ir do singular para os singulares".

Após a última edição de TS, o “grupo de fabricação” fez um trabalho de avaliação, um balanço no qual o sentimento compartilhado era o de ter conseguido melhor acesso ao singular e ao coração da atividade do que nos anos anteriores, pelas formas e caminhos propostos. Entretanto, persiste uma interrogação: aquela sobre o acesso à dimensão política da atividade. Um dos membros afirmou: "Em Trabalhadores Surpreendentes, fazemos política com uma lupa, sem nomeá-la". Mas o que é fazer política? O esforço em direção ao privado e ao singular impede o acesso à política? Ou seria uma

extensão possível? Quais formas TS poderia criar para a próxima edição com o intuito de seguir nessa direção? São tantas possibilidades de reflexões para continuarmos a viagem...

Conclusão

Ao contrário das correntes disciplinares sobre atividade, Trabalhadores Surpreendentes não tem objetivo preciso, exceto aquele de tentar acessar a atividade: ver se isso é possível, colocá-la em visibilidade e em ressonância com a experiência vivida por cada um e então observar o que se produz. Esta experiência coletiva é uma exploração (não científica) dos seres de atividade que somos todos. Uma experiência de experiências singulares, um encontro de encontros surpreendentes ...

TS extrapola uma metodologia bem delineada, consciente de que a atividade transbordará qualquer contorno, pois “nenhuma disciplina, nenhum campo de práticas pode monopolizar ou absorver conceitualmente a atividade – ela atravessa o consciente e o inconsciente, o verbal e o não verbal, o biológico e o cultural, o mecânico e os valores” (Schwartz, 2005, p.64).

Nesse sentido, TS se propõe a ser um espaço-tempo para pensar. Assim como nos evidenciava a prática de ensino de Jacques Durrafourg (2013), é a partir de histórias reais de trabalho que podemos colocar em andamento as reflexões sobre a atividade. Através de um esforço coletivo entre todos os participantes presentes, vão ser extraídas, em tempo real, questões a refletir, matérias a pensar. Convoca-se a postura de humildade epistemológica, sem hierarquias pressupostas entre os participantes e assim tem-se a oportunidade de vivenciar o desconforto intelectual que nos propõe a ergologia.

As dúvidas diante da ausência de padrões metodológicos da ET podem produzir desconfortos e desequilíbrios, mas nos remetem ao próprio conceito de trabalho. Acessar a atividade é também trabalhar e trabalhar é sempre, em alguma dimensão, renormalizar. Trabalhar é fazer escolhas, sustentadas por valores, diante de um encontro de encontros que abre espaço para a gestão do espaço insolúvel entre o prescrito e o real, recriando normas diante do desafio

do inédito sempre presente na atividade humana (Schwartz & Durrive, 2010).

Assim, a metodologia de TS, nessa perspectiva, precisa ser coerente e estar aberta às renormalizações que vão se impor necessárias durante a viagem ao coração da atividade, sabendo que não há chave de ouro para acessá-lo (Lima, 2002). Acessar a atividade é também criar a atividade, e logo, produzir criatividade (Rabelo, Barros & Cunha, 2015).

Referências bibliográficas

CASTEJON, C. (2016) “C’est un truc que j’ai jamais compris”, ceci est un indice de l’activité. Inventer des formes pour penser autrement. *Revue Ergologia*, n°15, p. 81-106.

DURRAFOURG, J. (2013). Um robô, o trabalho e os queijos: algumas reflexões sobre o ponto de vista do trabalho. *Trabalho & Educação*, 22 (2), p. 37-50.

GAULEJAC, V. (2008) Parcours, trajectoires, histoires, récits ? , *Enfances & Psy* 2008/1 (n° 38), p. 114-121.

JOBERT, G (2014) O formador de adultos: um agente de desenvolvimento. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17 (spe. 1), p. 21-32.

LEONTIEV, A. (2004) *O desenvolvimento do psiquismo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro.

LEVI-STRAUSS, C. (1962) *La pensée Sauvage*, Paris: Plon.

LIMA, M. E. A (2002) A questão do método em psicologia do trabalho. In GOULART, I. B (org). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.123-132.

LUKACS, G. (1980) *The Ontology of Social Being : labour*. Merlin Presse, Londres.

LURIA, A. (1991) *Curso de psicologia geral: linguagem e pensamento*. vol. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- MARX, K. (2008) *O Capital: crítica da economia política*. v.I. Trad. Reginaldo Sant' Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RABELO, L. D. B., BARROS, V. A. D. & CUNHA, D. M. (2014) Uma viagem de trem: a atividade de trabalho dos inspetores ferroviários em diálogo com a ergologia. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7(2), 233-246.
- RABELO, L. D. B., BARROS, V. A. D. & CUNHA, D. M. (2015) A metodologia de pesquisa entre o prescrito e o real” In: LIMA, F.; RABELO, L. & CASTRO, M. (orgs.) *Conectando Saberes: Dispositivos sociais de prevenção de acidentes e doenças no trabalho*, Belo Horizonte: Fabrefactum, p. 379-402.
- SCHWARTZ, Y & DURRIVE, L (Orgs). (2010) *Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana*. 2 ed. Niterói: Editora da UFF.
- SCHWARTZ, Y & DURRIVE, L. (2008) Glossário da ergologia. *Laboreal*, v. 4, n.1, p. 23-28.
- SCHWARTZ, Y (2005). Actividade. *Laboreal*, v.1, n.1, p. 63-64.
- SCHWARTZ, Y (2007). Un bref aperçu de l’histoire culturelle du concept d’activité. *@ctivités*, 4 (2), p. 122-133.
- SCHWARTZ, Y (2010). A experiência é formadora? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 35-48, jan./abr.
- SENNETT, R (2010) *Ce que sait la main, la culture de l’artisanat*, Paris : Albin Michel.
- TOLFO, S. D. R & PICCININI, V. C. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(1) p.38-46.
- TRINQUET, P. (2010) Trabalho e Educação. *Revista HISTEDBR Online*. Número especial. 93-113.
- VYGOTSKY, L. (2001) *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezzer. São Paulo: Martins Fontes.